

RAIVA EM BOVINOS

Analaura Pereira, Riqueza – SC, CRMV-SC 09126

Palavras-chave: Raiva, Herbívoros, Bovinos, Vacina Antirrábica

As enfermidades do sistema nervoso central (SNC) são relatadas com frequência em bovinos no país, sendo um importante causa de mortalidade e prejuízos econômicos para o rebanho no Brasil (GALIZA et al., 2013). Segundo Lima et al. (2005) a raiva é uma das doenças de maior importância para a pecuária e para a saúde pública no Brasil e no mundo.

É uma doença infecciosa com etiologia viral e caráter zoonótico (WADA; ROCHA; MAIA-ELKHOURY, 2011), de notificação obrigatória, o agente etiológico é um RNA-vírus pertencente à ordem Mononegavirales, da família Rhabdoviridae e do gênero Lyssavirus (BATISTA; FRANCO; ROEHE, 2007), a transmissão ocorre pela inoculação do vírus presente na saliva dos animais infectados, geralmente pela mordedura, mais raramente pela arranhadura e lambadura de mucosa (BRASIL, 2017).

A doença apresenta três ciclos de transmissão: o ciclo urbano sendo o principal disseminador o cão e/ou gato. O ciclo rural onde os animais alvos são os herbívoros (bovinos, equídeos, ovinos e caprinos) onde o principal disseminador é o morcego hematófago. E o ciclo silvestre representados por carnívoros como as raposas, guaxinins, primatas não humanos como saguis, e os morcegos (ARAUJO et al., 2018).

Em bovinos os principais sinais da raiva são: incoordenação motora, paralisia ascendente dos membros pélvicos, posicionamento em decúbito esternal, atonia do rúmen, tremores musculares, salivação, movimentos de pedalagem, opistótono, paralisia da cauda, tenesmo, nistagmo, diminuição dos reflexos palpebrais e linguais, ataxia e morte. De modo geral os bovinos raivosos se isolam do rebanho, podem manifestar sinais de engasgo, podem ser encontrados atolados em poças de água, devido a sua incapacidade de locomoverem por estarem submetidos a estímulo doloroso pela água (BRASIL, 2017).

Quanto ao diagnóstico da doença, a observação clínica permite levar somente à suspeita da raiva, pois os sinais da doença não são característicos e podem variar de um animal a outro ou entre indivíduos da mesma espécie. Não se deve concluir o diagnóstico de raiva somente com a observação clínica e epidemiológica, pois existem várias outras doenças e

distúrbios genéticos, nutricionais e tóxicos nos quais os sinais clínicos compatíveis com a raiva podem estar presentes. Não existe, até o momento, um teste diagnóstico laboratorial conclusivo antes da morte do animal doente que expresse resultados absolutos. No entanto existem procedimentos laboratoriais padronizados internacionalmente, para amostras obtidas post mortem de animais suspeitos de raiva. O teste mais amplamente utilizado para o diagnóstico da raiva é a imunofluorescência direta (IFD), recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) (BRASIL, 2009)

Não há tratamento e a doença é invariavelmente fatal, uma vez iniciado os sinais clínicos nos animais. A prevenção da raiva baseia-se na vacinação e controle dos vetores como o controle da população do morcego hematófago realizado pelos órgãos oficiais, e a vacinação dos rebanhos com a utilização de vacinas inativadas (BATISTA; FRANCO; ROEHE, 2007). A Vacina Antirrábica Inativada Labovet, é uma vacina para herbívoros (Bovinos, Bubalinos, Equinos, Ovinos, Caprinos), composta por uma suspensão de vírus rábico inativada pela etilenimina binária (BEI), cepa Pasteur de vírus fixo (PV), produzida em cultivo celular e adsorvida pelo hidróxido de alumínio gel; que confere excelente proteção, como protocolo de vacinação para os bovinos recomenda-se a imunização a partir dos 3 (três) meses de idade, sendo que a imunidade é conferida a partir de 21 (vinte e um) dias da vacinação e persiste por 12 (doze) meses, quando se faz necessário a revacinação dos animais.

A raiva traz sérios prejuízos e econômicos a pecuária nacional e piores ainda são os problemas com saúde pública. A subnotificação dos casos suspeito é um sério problema para o controle da doença. A única forma de prevenção é a vacinação dos animais, o controle dos vetores e a conscientização para a importância da notificação de casos suspeitos da doença. Só dessa maneira podemos ter um controle efetivo.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, D. B.; MEDINA, A. O.; CUNHA, E. M. S.; DURIGON, E. L.; FAVORETTO, S. R. Estudo epidemiológico do vírus da raiva em mamíferos silvestres provenientes de área de soltura no litoral norte do Estado de São Paulo. In: CONBRAVET - CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA VETERINÁRIA, 35, 2008, Gramado. **Anais...**, Gramado, p. 689-692, 2008.

BATISTA, Helena Beatriz de Carvalho Rutnher; FRANCO, Ana Cláudia; ROEHE, Paulo Michel. Raiva: uma breve revisão. **Acta Scientiae Veterinariae**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p.125-144, fev. 2007.

BRASIL, 2009. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Controle da raiva dos herbívoros: manual técnico 2009**. Secretaria de Defesa Agropecuária, Brasília, p.124

BRASIL. 2017. Ministério da Saúde. Coordenação-Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Serviços. **Guia de vigilância em Saúde**. 2ª ed., Brasília, DF: Ministério da Saúde, 705 p.il.

GALIZA, Glauco J N et al. Doenças do Sistema Nervoso de Bovinos no Semiárido Nordeste. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 30, p.267-276, mar. 2013.

LIMA, Everton Ferreira et al. Sinais clínicos, distribuição das lesões no sistema nervoso e epidemiologia da raiva em herbívoros na região Nordeste do Brasil. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p.250-264, dez. 2005.

WADA, Marcelo Yoshito; ROCHA, Silene Manrique; MAIA-ELKHOURY, Ana Nilce Silveira. Situação da Raiva no Brasil, 2000 a 2009. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [s.l.], v. 20, n. 4, p.509-518, dez. 2011. Instituto Evandro Chagas. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742011000400010>.